

O LANCE DE DADOS

e a superação do niilismo

Francisco Traverso Fuchs

RESUMO

De acordo com a interpretação deleuziana (tal como formulada em *Nietzsche et la philosophie*), o pensamento do eterno retorno enquanto doutrina ética possui dois aspectos seletivos. No entanto, apenas o primeiro desses aspectos parece exprimir-se numa *regra prática* bem definida. Este artigo procura mostrar que determinados textos do livro de Deleuze nos autorizam a extrair deles uma regra prática concernente ao segundo aspecto.

ABSTRACT : *The dices cast and the overcoming of nihilism*

According to Deleuze's interpretation of Nietzsche's doctrine of the eternal recurrence (in *Nietzsche et la philosophie*), the ethical thinking of that doctrine has two selective aspects. However, only the first aspect seems to be expressed as a well defined *practical rule*. This paper is an attempt to extract from some texts of Deleuze's book a practical rule concerning the second aspect.

Endereço eletrônico deste documento: <http://www.caosmos.com/dados.html>

“Porque eu obtivera esse resultado arriscando mais do que minha vida, ousara arriscar-me e pertencia de novo à humanidade.”

DOSTOIÉVSKI¹

“Quais <homens> se apresentariam então como *os mais fortes*? Os mais moderados, aqueles que não têm *necessidade* de crenças extremas. Aqueles que não somente aceitam, mas amam uma boa porção de acaso, de absurdo. Aqueles que são capazes de depreciar fortemente o valor do homem sem por isso serem diminuídos ou enfraquecidos : aqueles que são os mais ricos em saúde, que são talhados para suportar o máximo de infelicidade e que por isso não temem tanto a infelicidade – homens *seguros de sua potência* e que representam com um orgulho consciente o grau de força ao qual o homem *chegou*.”

Como tal homem pensaria no Retorno eterno?”

NIETZSCHE²

“... e pus-me a fazer novas apostas, ao acaso e sem cálculo.”

DOSTOIÉVSKI³

Por várias razões, a interpretação da doutrina nietzscheana do eterno retorno é uma tarefa extremamente delicada. A visão do mais solitário dos homens se apresenta como visão e enigma⁴, e Zaratustra não chega a enunciar o eterno retorno tal como ele o entende senão aos ouvidos da própria vida.⁵ Mas há razões ainda mais decisivas. Em virtude de sua doença, Nietzsche não chegou a proferir sua última palavra sobre o eterno retorno, e talvez nem mesmo a penúltima. E se atualmente dispomos da edição de Colli e Montinari, que nos permite acompanhar cronologicamente a trajetória do pensamento de Nietzsche, nem por isso as dificuldades são menores, uma vez que essa trajetória foi “brutalmente interrompida”.⁶

Gostaríamos de propor uma leitura desse tema que nos parece essencial – o niilismo e sua superação – a partir do livro que Deleuze, num determinado momento de seu percurso filosófico, dedicou a Nietzsche.⁷ O problema se coloca da seguinte maneira : ao invocar a existência de dois aspectos seletivos no pensamento do eterno retorno, Deleuze enfatiza que

¹ DOSTOIÉVSKI, Fiódor M.: *O Jogador*, trad. de Oscar Mendes, IN *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, vol. III, 1963, p. 122.

² NIETZSCHE, Friedrich: *La volonté de puissance*, trad. de Geneviève Bianquis, Paris, Gallimard, 15^a ed., 1948, p. 14-15.

³ DOSTOIÉVSKI, Fiódor M.: *idem*, p. 103.

⁴ NIETZSCHE, Friedrich: *Así habló Zaratustra*, trad. de Andrés Sánchez Pascual, Madrid, Alianza, 1981, “De la visión y del enigma”. Nietzsche chegou a anotar em seus manuscritos outro título para esse capítulo: “A visão do mais solitário dos homens”.

⁵ NIETZSCHE, Friedrich: *Así habló Zaratustra*, *op. cit.*, “La segunda canción del baile”.

⁶ DELEUZE, Gilles: *Sur la volonté de puissance et l'éternel retour*, IN *Nietzsche – Cahiers de Royaumont* (1964), Paris, Ed. de minuit, 1967, p. 276.

⁷ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie* (1962), Paris, PUF, 1983.

a assim chamada *segunda seleção* coloca em causa aquilo que há de mais obscuro na filosofia nietzscheana. E ao passo que a primeira seleção se exprime numa regra prática claramente formulada pelo próprio Nietzsche, a segunda seleção permanece praticamente indeterminada. Tentaremos mostrar que, com base em alguns textos do livro de Deleuze, é possível apontar uma solução para esse problema, e forjar uma regra (ou um simulacro de regra) prática correlata à segunda seleção.

*

Niilismo significa em primeiro lugar um valor de nada, um nada de valor. Sob a perspectiva do niilismo, a vida nos aparece como sem valor. Ora, o niilismo tem mil faces ou mil máscaras, mil matizes distintos que só podem ser avaliados caso a caso. Feita essa ressalva, podemos estabelecer uma tipologia básica do niilismo. Num primeiro momento, o niilismo se exprime na criação de valores superiores, uma vez que os valores superiores exprimem uma vontade de depreciar, de negar a vida. Esse primeiro momento se caracteriza pela aliança entre o sacerdote e seu rebanho, entre a vontade de nada e as forças reativas. Num segundo momento, o niilismo se exprime na revolta das forças reativas contra a vontade de nada que até então as conduzia. As forças reativas pretendem valer por si mesmas : momento do regicídio e da morte de Deus.⁸ O niilismo *reativo* substitui o niilismo *negativo*, o homem substitui Deus, mas é ainda a vida negada, depreciada, que assume o controle e passa a querer valer por si mesma. Mas não há como “assumir o controle” sem que um resquício de vontade se manifeste ainda; ainda há vontade em demasia nesse triunfo das forças reativas. Os ideais humanos não deixam de ser ideais, e portanto algo que solicita a vontade. Mas quando a própria vontade torna-se algo de insuportável, é preferível não querer em absoluto. Esse é, com efeito, o terceiro momento do niilismo – em que um nada de vontade substitui a vontade de nada – niilismo *passivo* que encontra sua forma acabada na mais absoluta ausência de valores. Nem mesmo basta dizer que os ideais divinos e humanos foram ultrapassados; deixou-se para trás *a própria noção de ideal*. Em resumo, “o «niilismo reativo» prolonga de uma certa maneira o «niilismo negativo» : triunfantes, as forças reativas tomam o lugar dessa potência de negar que as conduzia ao triunfo. Mas o «niilismo passivo» é o acabamento extremo do niilismo reativo : antes extinguir-se passivamente do que ser conduzido de fora.”⁹

Note-se que Deleuze caracteriza o niilismo passivo como o acabamento extremo do niilismo *reativo*, e não como o acabamento extremo do niilismo *enquanto tal*. Essa observação é importante na medida em que, como veremos, a forma extrema do niilismo

⁸ KLOSSOWSKI, Pierre: *Sade meu próximo*, trad. de Armando Ribeiro, São Paulo, Brasiliense, 1985.

⁹ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, Paris, PUF, 1983, p. 171.

deverá também ser aquela que levará o niilismo à sua supressão. Dito de outro modo, o niilismo só pode ser derrotado por si mesmo, mas ele só poderá derrotar a si mesmo na medida em que ele se tornar um niilismo “acabado” ou completo. Nietzsche caracteriza esse niilismo levado às últimas conseqüências como um niilismo *ativo*: “Niilismo enquanto signo *da potência aumentada do espírito*: enquanto NIILISMO ATIVO. Ele pode ser um signo de força (...) ele atinge seu MÁXIMO de força relativa enquanto força violenta de DESTRUIÇÃO: *enquanto niilismo ativo*. Seu contrário seria o niilismo esgotado que deixa de *atacar*: sua forma mais célebre, o budismo: enquanto niilismo *passivo*.”¹⁰ Em outro texto, um pouco posterior a esse, Nietzsche dirá que “o niilismo não é somente uma propensão a considerar o «em vão!» nem somente a crença de que tudo vale ser arruinado: mete-se-lhe a mão, *arruina-se...* (...) É o estado de espíritos e de vontades firmes: para os quais é impossível permanecer na negação «do juízo»: – o *não do ato* procede de sua natureza. O aniquilamento pelo juízo secunda o aniquilamento pela mão.”¹¹

Se o niilismo ativo é a forma extrema do niilismo, coloca-se o problema de saber *como* o niilismo atinge sua forma extrema. Sabemos que tal problema, a princípio, só admite uma resposta: o niilismo atinge sua forma extrema pelo pensamento do eterno retorno. Mas não basta o pensamento do eterno retorno para levar o niilismo às últimas conseqüências. Tudo se passa como se o pensamento do eterno retorno necessitasse de um solo fértil, de um terreno previamente preparado onde ele possa vingar. Tudo se passa como se o próprio niilismo devesse *amadurecer* para, através do pensamento do eterno retorno, atingir o seu grau máximo.

Tanto na perspectiva do niilismo negativo quanto na do niilismo reativo, a vida parece possuir um sentido e uma finalidade dados de antemão. Sentido e finalidade foram evidentemente *inventados* e fundamentados em mitos ou razões, mas parecem ter estado aí desde sempre e são assumidos em tanto que valores *estabelecidos*: fardos que a humanidade carrega em direção ao deserto. No niilismo negativo, sentido e finalidade são dados por valores superiores à própria vida. No niilismo reativo, todos os valores superiores são negados, mas o ideal ascético persiste, apresentando agora uma face propriamente humana; o sonho do Paraíso na Terra – seja ele coletivo ou individual – substitui o delírio de uma Jerusalém Celeste.¹² Sentido e finalidade possuem nesses contextos uma função essencial: eles justificam o sofrimento. *Sofre-se, mas o sofrimento não é em vão*. Ora, onde

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich: *Fragments posthumes*, automne 1887/mars 1888 (texto estabelecido por Colli e Montinari e traduzido por Pierre Klossowski), Paris, Gallimard, 1976, 9 [35].

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich: *idem*, 11 [123].

¹² A propósito do Livro do Apocalipse, ver o admirável livro de D. H. Lawrence, *Apocalypse* (1931), trad. de Fanny Deleuze, Paris (?), Balland, 1978, prefaciado por Fanny e Gilles Deleuze.

um sentido e uma finalidade se acham cristalizados, não há lugar para o pensamento do eterno retorno. Inversamente, não seria necessário que a vida se apresentasse como *completamente destituída de sentido e de finalidade* para que o pensamento do eterno retorno encontrasse enfim um solo fértil? E em qual das formas do niilismo isso ocorre senão no niilismo passivo? Se do ponto de vista da vontade e da potência da vontade a posição do niilismo passivo é exatamente inversa à do niilismo ativo, ela parece ser, surpreendentemente, sua condição de possibilidade. Lembremos que, se o niilismo ativo é a forma extrema do niilismo (em geral), o niilismo passivo é a forma extrema do niilismo reativo. Embora contrários um ao outro, niilismo ativo e passivo são *formas extremas* – e talvez pudéssemos aplicar a eles o que Nietzsche afirmou em outro contexto : “Não se abandona uma posição extrema por uma posição média, mas por um outro extremo, *inverso*, é bem verdade.”¹³ Das fileiras do “último homem” sairia o “homem que quer morrer”.

Por que esse esquema não nos parece plenamente satisfatório? Porque ele toma a ausência de sentido e de finalidade como um *estado*, e não como um *processo* cuja gênese seria preciso determinar. Não basta constatar o *fato* da derrocada de todos os valores, é necessário tentar determinar sob que condições ela pode ocorrer. E para além do exame cuidadoso que cada caso, que cada processo singular demanda, é possível apontar certas *direções*. Tudo se passa como se a derrocada de todos os valores conhecidos até aqui pudesse ocorrer como um *desmoronamento* ou, ao contrário, como uma *destruição ativa*. Num caso, a existência simplesmente *perde* o sentido : imenso é o cansaço, profundo o desgosto, tudo é vão, nada vale a pena... No outro, o desejo de verdade criado no âmbito do niilismo negativo não se contenta em negar (de forma abstrata), mas *aniquila* impiedosamente (na prática) todos os valores conhecidos até aqui. Assim, mais do que uma etapa necessária em direção ao niilismo ativo, o niilismo passivo parece-nos ser *uma das duas direções divergentes num mesmo processo de desvalorização dos valores*. Se o “último homem” e o “homem que quer morrer” estão muito próximos um do outro – e no entanto um abismo os separa – é porque eles encarnam tendências opostas em um único e mesmo processo. Segundo o célebre esquema das metamorfoses, o camelo se torna leão, que por sua vez se torna criança. Mas o niilista passivo é o camelo que abandonou todos os seus fardos e se deitou em pleno deserto para esperar a morte. Nada impede que ele se metamorfoseie em leão; daí o valor relativo de nosso primeiro esquema. Mas ele na verdade está seguindo uma direção *oposta* àquela seguida pelo niilista ativo; *ao invés de quebrar as*

¹³ NIETZSCHE, Friedrich: *La volonté de puissance*, trad. de Geneviève Bianquis, Paris, Gallimard, 15^a ed., 1948, p. 12. Nesse texto, Nietzsche refere-se à passagem do niilismo negativo ao passivo.

tábuas de valores, ele se deixa quebrar pela ausência de valores. Quanto mais ele aprofundar essa tendência, mais difícil se tornará para ele tomar a direção contrária.

Desse modo, o niilismo passivo implica a destituição de todo sentido e de toda finalidade, mas o inverso não é verdadeiro. E tudo se passa como se essa desvalorização de todos os valores conhecidos ou conhecíveis até aqui valesse como uma “limpeza de terreno”, abrindo caminho para novas possibilidades de vida.¹⁴ Como se apenas a mais absoluta ausência de valores franqueasse a possibilidade de *criação* de novos valores : “Só onde há sepulcros há ressurreições.”¹⁵

Dessa exposição sumária devemos reter dois pontos que permanecem obscuros : Qual é o papel do eterno retorno na produção do niilismo ativo? E por que a forma extrema do niilismo é a única capaz de suprimir o próprio niilismo?

*

Tal como formulado por Nietzsche, o eterno retorno constitui uma regra prática “tão rigorosa quanto a regra kantiana”¹⁶ : *Seja lá o que tu queiras, queira-o a tal ponto que tu queiras também o seu eterno retorno.* A aplicação dessa regra teria como consequência eliminar todos os estados moderados do querer. *Aquilo que não queremos a ponto de querer seu eterno retorno, não devemos querê-lo em absoluto.* Pelo pensamento do eterno retorno, apenas os estados extremos da vontade são selecionados. No entanto, essa formulação do eterno retorno é *insuficiente*, “inferior às ambições de Zarathustra”.¹⁷ Podemos conceber forças reativas capazes de suportar a prova do eterno retorno, indo à sua maneira até o fim do que “podem” (se bem que tais forças só possam fazê-lo *a partir* do pensamento do eterno retorno). E se também as forças reativas retornam – desde que se afirmem em sua “potência” extrema – a pretensão *seletiva* do pensamento do eterno retorno fica comprometida. Se tudo dependesse da aplicação dessa regra prática, mesmo o retorno dos devires niilistas estaria assegurado, tal como nas concepções cíclicas do eterno retorno que o próprio Nietzsche rejeitou. Convalescente, Zarathustra recorda as razões de sua náusea : “Eternamente ele retorna, o homem do qual estás cansado, o homem pequeno (...) Demasiadamente pequeno o maior! – Este era o meu fastio do homem! E o eterno retorno também do menor! – Este era

¹⁴ Os valores conhecidos até aqui são os valores do passado e do presente; os valores conhecíveis são valores meramente *possíveis*, e possíveis precisamente no contexto do niilismo – mas *nesse* contexto, todo “novo” valor já nasce velho. Por isso não basta criar novos valores; é necessária uma alteração radical (transvaloração) naquilo de que depende o valor dos próprios valores (vontade de potência). Assim, criar valores efetivamente *novos*, significa *avaliar novamente o peso de todas as coisas (pensar) a partir da transvaloração.*

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich: *Así habló Zarathustra*, op. cit., “La canción de los sepulcros”.

¹⁶ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, op. cit., p. 77. Em outro texto (*Sur la volonté de puissance et l'éternel retour*, IN *Nietzsche – Cahiers de Royaumont* (1964), Paris, Ed. de minuit, 1967, p. 285) Deleuze descreve essa regra como uma paródia (para além do bem e do mal) da regra kantiana.

o meu fastio de toda a existência!”¹⁸ Assim, de acordo com Deleuze, faz-se necessária uma *segunda seleção*, bastante diferente da primeira : “Mas essa segunda seleção coloca em causa as partes mais obscuras da filosofia de Nietzsche, e forma um elemento *quase iniciático* na doutrina do eterno retorno.”¹⁹

Evidentemente, a vontade de nada não precisa do pensamento do eterno retorno para assumir a tarefa seletiva. Tal tarefa, ela sabe realizá-la muito bem por sua própria conta, e sabe inventar os seus próprios meios para fazê-lo: precisamente os valores superiores. A seleção, nesse caso, depende de uma ordenação moral do mundo. Mas o que acontece quando a vontade de nada se remete ao pensamento do eterno retorno? Vimos que no niilismo reativo as forças reativas quebram sua aliança com a vontade de nada e pretendem valer por si mesmas. Ora, quando a vontade de nada exerce o pensamento do eterno retorno, ela paga na mesma moeda, trai as forças reativas, quebra sua aliança com elas, e passa a negá-las.²⁰ Assim, se o eterno retorno aparece uma primeira vez como um *pensamento* seletivo, ele aparece uma segunda vez como *ser* seletivo – e o que o eterno retorno seleciona desta vez já não são simplesmente as meias-vontades no querer, mas as próprias forças reativas no ser. Por isso o niilismo ativo só se torna possível *pelo* eterno retorno²¹, como destruição e autodestruição ativas – mas destruir significa aqui *negar as forças reativas*. Passagem do pensamento ao *ato*. Percebe-se bem a diferença de natureza entre essa forma extrema do niilismo e as anteriores. Afinal, tanto o niilismo negativo quanto o niilismo reativo são expedientes de *conservação* da vida – ora num plano mágico-religioso, ora num plano racional – ainda que se trate, evidentemente, da conservação de uma vida depreciada, diminuída, próxima de zero (que se prolonga e subsiste no niilismo passivo).²²

¹⁷ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie, op. cit.*, p. 78.

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich: *Así habló Zaratustra, op. cit.*, “El convaleciente”.

¹⁹ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie, op. cit.*, p. 78 (*Grifo nosso*).

²⁰ DELEUZE, Gilles: *idem*, p. 79 e p. 200.

²¹ É o eterno retorno que cria as formas extremas de tudo o que é. Podemos conceber o niilismo ativo fora do pensamento do eterno retorno? Nesse caso, teríamos que dizer : o niilismo ativo é a forma extrema *do* niilismo, mas é pelo pensamento do eterno retorno que a forma extrema do niilismo assume a *sua* forma extrema.

²² Como vemos, Deleuze interpreta o niilismo a partir de uma distinção fundamental – aquela existente entre *força* e *vontade*. Ora a vontade de nada e as forças reativas se aliam, ora as forças reativas traem a vontade, ora a vontade trai por sua vez as forças reativas... O leitor atento deve se reportar aos textos do segundo capítulo de *Nietzsche et la philosophie* para compreender todo o alcance dessa distinção. Notemos apenas que : (1) Entre força e vontade existe apenas uma distinção formal, mas não uma distinção real. Se um puro mecanicismo é incapaz de explicar o devir das forças, é porque é necessário atribuir à força um *querer interno* para além do âmbito da consciência. Assim, a vontade seria um princípio transcendental da força enquanto empírica; (2) Ativo e reativo são qualidades da força, assim como a afirmação e a negação são qualidades da vontade, mas é de acordo com sua *diferença de quantidade* irreduzível que a força se qualifica nas suas relações com as demais forças. Dependendo das relações de dominação que se produzem nos encontros entre as forças, a força ativa pode *tornar-se* reativa (e vice-versa), a vontade negativa pode *tornar-se* afirmativa (e vice-versa).

Já sabemos que o niilismo ativo é a forma extrema do niilismo, sabemos que ele é produzido no momento em que a vontade encarna o pensamento do eterno retorno, e sabemos até mesmo que ele se exprime numa negação das forças reativas. Ora, as forças reativas podem ser definidas sob três aspectos essenciais. Em primeiro lugar, forças reativas são aquelas que, numa relação de forças qualquer, *obedecem*. A essência da força reativa é ser função de alguma coisa que a ultrapassa, de um todo ao qual ela se subordina. Em segundo lugar, força reativa é aquela que separa uma outra força (precisamente a força ativa) daquilo que ela pode. Trata-se de uma operação de cisão, de desarticulação, de limitação. E se as forças reativas chegam a sobrepujar as forças ativas, não é porque formem *juntas* uma força mais poderosa; ao contrário, as forças reativas só chegam a dominar porque *separam* as forças ativas do que elas podem, e é precisamente nisso que consiste o seu poder. *Dividir para dominar*, esse bem poderia ser o seu lema. Separadas do que podem, as forças ativas se *tornam* reativas por sua vez. Essa operação levada a cabo pelas forças reativas dá origem a um *dever reativo* generalizado. E é somente sob esse aspecto que *conhecemos* as forças : como forças reativas num dever ele mesmo reativo. Se fôssemos capazes de conceber um *tipo* ativo, um homem no qual as forças ativas predominassem sobre as reativas, nós o conceberíamos talvez como capaz de criar, capaz de ousar, capaz de fazer experimentações com sua vida e seu pensamento. Pura especulação, evidentemente; o menor esboço de atividade seria suficiente para desencadear a volúpia das forças reativas. Assim que esse homem dissesse : Eu posso (ou : Eu verei se posso ou não, só experimentando saberei se posso ou não), logo surgiria de alguma parte uma força reativa para dizer-lhe : “não, tu não podes, tu não conseguirás, não deves fazê-lo e nem mesmo tentar fazê-lo.” Nem seria necessário aliás que esse homem fizesse ou tentasse fazer alguma coisa; bastaria que deixasse entrever o brilho de seus olhos. Caso tal homem existisse, o dito de Nietzsche faria sentido : É preciso defender os fortes contra os fracos. Enfim, mas não menos importante, as forças reativas são forças de conservação, de manutenção; elas “se exercem assegurando os mecanismos e as finalidades, preenchendo as condições de vida e as funções, as tarefas de conservação, de adaptação e de utilidade.”²³ Vemos que os três aspectos pelos quais podemos definir as forças reativas estão indissoluvelmente ligados. *Com efeito, as forças de conservação só podem se exercer limitando as forças ativas, que são forças de expansão e de conquista*. Nesse sentido, elas possuem um papel a desempenhar na economia de um corpo são – *mas em tal economia, seu papel é precisamente o de obedecer*, ou seja, o de serem *acionadas* pelas forças ativas.

²³ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, op. cit., p. 46.

Há uma *hierarquia* do corpo são que se define pela preponderância das forças ativas sobre as reativas, pelo predomínio da atividade sobre a conservação.²⁴

*

Essas considerações levam-nos a colocar os problemas que constituem propriamente o âmago de nosso trabalho. Vimos que as forças reativas são forças de conservação e que o niilismo ativo consiste na negação das forças reativas; assim, não é surpreendente que ele se defina por uma autodestruição.²⁵ Ora, no limite, a autodestruição se exprime pura e simplesmente no suicídio : antes morrer do que viver uma vida diminuída. Mas se por hipótese todo suicida é um *homem que quer perecer*, o inverso talvez não seja verdadeiro; em outras palavras, ainda que uma linha de abolição possa pertencer ao seu horizonte, o *homem que quer morrer* não esgota suas possibilidades no suicídio. Em todo caso, se assim fosse, tornar-se-ia impossível descobrir uma regra prática correlata à segunda seleção no eterno retorno –ao menos na medida em que é impossível instituir o suicídio como regra prática para a vontade... Permanecemos sem nenhum critério a partir do qual poderíamos colocar *em prática* a negação das forças reativas. Nesse contexto emerge o nosso problema : *Como formular a negação das forças reativas nos termos de uma regra prática?* Enquanto pensamento seletivo, o eterno retorno se exprime numa regra prática bem definida. Mas existirá um critério prático para o eterno retorno enquanto ser seletivo?

“Eu amo aquele que se envergonha quando o dado, ao cair, lhe favorece, e então se pergunta: acaso serei um jogador trapaceiro? – pois ele quer perecer.”²⁶ Nas palavras de Deleuze, “desde o prólogo, Zarathustra canta «aquele que quer o seu próprio declínio» : «pois ele quer perecer», «pois ele não quer se conservar», «pois ele transporá a ponte sem hesitar». *O prólogo de Zarathustra contém como que o segredo prematuro do eterno retorno.*”²⁷ Ora, parece-nos que podemos afirmar exatamente o mesmo em relação ao livro de Deleuze. Já no primeiro capítulo, quando aborda o tema do *lance de dados*, ele parece fornecer uma chave para a compreensão do eterno retorno *e principalmente um critério prático para levar a cabo a negação das forças reativas.*

²⁴ Nós, homens reativos, só sabemos pensar a saúde do ponto de vista das forças reativas, enquanto uma tendência ao equilíbrio frente às variações do meio externo e do meio interno. Mas para além da saúde, ensina Nietzsche, existe uma *grande saúde*, que não é homeostase mas potência de metamorfose.

²⁵ Lembremos apenas que a autodestruição ativa não se confunde em hipótese alguma com esse *voltar-se contra si mesmo* que caracteriza a culpabilidade. Conforme DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, op. cit., p. 79.

²⁶ NIETZSCHE, Friedrich: *Así habló Zarathustra*, op. cit., Prólogo, 4.

²⁷ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, op. cit., p. 79 (*Grifo nosso*).

“Tímidos, envergonhados, desajeitados, como um tigre que errou seu pulo : assim, homens superiores, eu vos vi colocar-vos de lado furtivamente. Fizestes uma *jogada* ruim.”²⁸ Se os homens superiores (“demasiadamente pequeno o maior”...) ainda não aprenderam a jogar e a gracejar como se deve, é porque eles não aprenderam ainda a *afirmar o acaso*. Possuídos pelo espírito de gravidade, animados pelo ressentimento, pela má consciência e pelo ideal ascético, conduzidos pelas forças reativas, os homens não têm noção do que seja afirmar o acaso. Eles dividem o acaso em *probabilidades* de ganho e de perda; eles colocam a combinação *desejada* (hipótese de “ganho”) como uma *finalidade* a ser alcançada; enfim, eles contam com a *repetição* das jogadas para obter tal combinação. Como definir tal atitude senão como uma atitude **racional** ? Estabelecer *de antemão* uma combinação *ideal* que tentaremos obter pela repetição das jogadas, contar com a *causalidade* e com a *probabilidade* para, através da repetição das jogadas, obter esse número ideal, tudo isso exprime a razão – mas o que será que a própria razão exprime por sua vez? “O espírito de vingança, nada além do espírito de vingança, a aranha! O ressentimento na repetição das jogadas, a má consciência na crença numa finalidade.”²⁹ O “bom jogador”, ao contrário, é capaz de afirmar *todo* o acaso de uma só vez ; sem contar com a causalidade e com a probabilidade, sem fixar-se uma finalidade, ele faz do lance de dados uma afirmação incondicional. E se ele também “esquenta” os dados antes de lançá-los, é num sentido muito diferente daquele que caracteriza o mau jogador. Este esquenta os dados com a *intenção* de obter um resultado favorável. Sua atitude é ansiosa, fervorosa, uma prece mal disfarçada; ele quer *expulsar* os resultados desfavoráveis. Ele tenta fazer uma *seleção*, mas quem pretende selecionar nesse caso é ainda sua consciência racional, cuja ambição máxima porém sempre frustrada é a de controlar o devir. O “bom jogador”, ao contrário, só esquenta os dados para melhor cozer o próprio acaso, para dar ao acaso o tempo mínimo necessário para alojar-se *por inteiro* na jogada iminente. Ele faz do acaso um objeto de afirmação.

Mas o que acontece quando fazemos do acaso um objeto de afirmação? O que ocorre quando lançamos os dados afirmando *todo* o acaso? Nós obtemos, diz Deleuze, o número fatal e necessário que trará de volta o lance de dados. Não se trata, evidentemente, de obter a combinação *desejada* (como no caso do mau jogador), pois *não há* aqui combinação desejada : tal hipótese implica uma contradição nos termos. Não haver uma combinação desejada é precisamente um pressuposto para a afirmação do acaso. É o mau jogador que, justamente porque não sabe afirmar todo o acaso, obtém apenas “números

²⁸ NIETZSCHE, Friedrich: *Así habló Zaratustra*, op. cit., “Del hombre superior”, 14.

²⁹ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, op. cit., p. 31.

relativos mais ou menos prováveis”³⁰, e interpreta tudo em termos de mérito e falta, de sucesso e fracasso. Mas se desde o início não há finalidade, todas essas categorias são superadas de uma só vez ; para o jogador que sabe afirmar o acaso, mesmo a morte se torna objeto de uma afirmação.³¹ Se temos dificuldade para compreender o lance de dados, é porque ele reclama uma nova maneira de sentir e de pensar. De acordo com a tradição metafísica clássica, costumamos pensar a relação entre o acaso e a necessidade como uma relação de *oposição* : a necessidade suprimiria o acaso, e vice-versa. Caos e cosmos se excluiriam. No entanto, “o que Nietzsche chama de *necessidade* (destino) não é jamais a abolição, mas a combinação do próprio acaso. A necessidade se afirma do acaso na medida em que o próprio acaso é afirmado.”³² Assim, o que se obtém pela afirmação de todo o acaso, e se obtém necessariamente, é o retorno, a *repetição do lance de dados*.³³

Note-se que existe uma diferença de natureza entre essa repetição e a do mau jogador. A repetição do mau jogador, sendo um meio a serviço de um fim, é uma repetição do *mesmo*, pois nela as jogadas só diferem numericamente (uma vez que todas elas estão subordinadas a uma única e mesma finalidade). A repetição do “bom” jogador, por sua vez, *vale por si mesma*, sendo a decorrência necessária de uma combinação não menos necessária, mas ela não pode valer por si mesma senão como *novidade radical* ; ela já não diz respeito a uma infinidade de jogadas realizadas com vistas a um mesmo objetivo, e sim a jogadas formalmente distintas (a cada vez, trata-se efetivamente de um *nova* jogada, onde todo o acaso é novamente afirmado; o que se repete é a diferença, o lance de dados, para além de qualquer finalidade.) Num caso, o presente *nada vale* senão na medida em que conduza a um *determinado* futuro; caso a combinação obtida seja desfavorável, se tenderá a *depreciar* tanto o novo presente (no qual os dados mostram-se desfavoráveis) quanto o anterior (aquele no qual os dados foram lançados). No outro caso, o presente no qual os dados são lançados sintetiza todo o passado e todo o futuro, uma vez que é objeto de uma afirmação pura (afirmação da *totalidade* do acaso); mas também o presente no qual os dados caem é uma síntese da totalidade do tempo, constituindo o objeto de uma segunda afirmação (afirmação da *necessidade do* acaso). Num caso, a repetição diz respeito às intenções e expectativas da consciência, e acarreta tensão e angústia (pois há defrontação entre a

³⁰ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, op. cit., p. 31.

³¹ NIETZSCHE, Friedrich: *Así habló Zaratustra*, op. cit., “De la muerte libre”.

³² DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, op. cit., p. 30.

³³ É difícil compreender porque Deleuze refere-se à segunda seleção no eterno retorno (negação das forças reativas) como um elemento *quase iniciático* na doutrina do eterno retorno, quando é esse aspecto do lance de dados que nos parece, na verdade, algo de quase iniciático. Mas a hipótese que levantamos é justamente a de que o texto sobre o lance de dados contém como que o “segredo prematuro” da interpretação deleuziana do eterno retorno, particularmente no que diz respeito à segunda seleção.

finalidade do sujeito e uma causalidade que o ultrapassa); no outro, ela é repetição do devir e do próprio lance de dados para além de qualquer finalidade, e acarreta o gozo da fatalidade (*amor fati*), que vem duplicar ou autenticar o gozo primeiro da afirmação do acaso. Vemos esboçar-se aí uma problemática da *boa* e da *má* repetição, que Deleuze iria explorar posteriormente.

*

Esses textos parecem fornecer uma solução viável para a resolução do problema da autodestruição no niilismo ativo, e uma solução (teoricamente) muito mais simples do que à primeira vista poderíamos esperar. Se no niilismo ativo a vontade de nada nega as forças reativas (que são forças de conservação), devemos imaginar essa negação como se exprimindo no **risco**, ou seja, na afirmação do acaso. Na medida em que um corpo afirma o risco, ele nega as suas forças reativas, torna-as impotentes, e as conduz ao nada. É na audácia do jogo, diz Bataille, que podemos retirar a vida do pântano no qual ela sucumbe : “O que uma sabedoria lógica não pode resolver, talvez consiga-o levar a cabo uma temeridade sem medida, que não retroceda nem olhe para trás.”³⁴

No niilismo ativo, o homem nega aquilo que há de reativo em si mesmo.³⁵ Mas dizer que as forças reativas são conduzidas ao nada equivale a dizer que, nesse processo, *as forças reativas se tornam ativas*. Elas são negadas *em tanto que forças reativas*, sendo forçadas a uma conversão, a um devir ativo. Do mesmo modo, ao negar as forças reativas, a vontade de nada se converte e se torna pura potência de afirmar. *É num único movimento que a vontade de nada se volta contra as forças reativas e se converte em potência afirmativa*. É por isso que apenas o niilismo ativo, forma extrema do niilismo, é capaz de suprimir o próprio niilismo. Não se trata apenas de uma substituição de um determinado tipo de forças por outro, de um determinado tipo de vontade por outro, mas de uma *conversão*³⁶ : devir ativo das forças reativas, devir afirmativo de uma vontade que até então só conhecíamos como vontade de nada. Com efeito, no reino do niilismo, só conhecemos a

³⁴ BATAILLE, Georges: *Sobre Nietzsche - Voluntad de suerte*, trad. de Fernando Savater, Madrid, Taurus, 1986, p. 18. É importante perceber que isso não se passa no âmbito da consciência e de uma decisão consciente, mas remete a forças de outra natureza. A consciência, eminentemente reativa, jamais arrisca nada. Ao contrário, ela mesma é negada nesse processo, em proveito de outras forças, desconhecidas até o momento. Num de seus escritos de juventude, Nietzsche confrontou o “divino pressentimento” de Tales de Mileto à “razão calculadora” (que emergiu posteriormente) nos seguintes termos : “Acredita-se ver dois viajantes à margem de uma torrente furiosa que faz as pedras rolares : um a atravessa com um salto ligeiro, e utiliza as pedras para tomar impulso, mesmo se elas afundam bruscamente atrás de si; o outro está desamparado, lhe é preciso primeiramente construir pilares que sustentarão seu passo pesado e prudente; por vezes isso se torna impossível, e nem Deus nem a torrente vêm em sua ajuda.” NIETZSCHE, Friedrich: *La naissance de la philosophie à l'époque de la tragédie grecque*, trad. de Geneviève Bianquis, Paris, Gallimard, 1981, p. 35/36.

³⁵ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, op. cit., p. 80.

vontade sob seu aspecto negativo ou negador: ressentimento, má consciência, ideal ascético. Por isso Deleuze dirá que a negação é a *ratio cognoscendi* da vontade de poder, a razão pela qual tomamos contato com sua existência, a face sob a qual ela se nos manifesta. Mas se existe uma *ratio essendi* da vontade, trata-se de uma face oculta que só se revela a partir da negação das forças reativas. Essa conversão é aquilo que Nietzsche chamava de transmutação ou transvaloração, momento de superação do niilismo em que finalmente a essência da vontade se revela como pura afirmação, e mesmo como *dupla afirmação*. Mas o meio-dia, afirmação do acaso e da necessidade do acaso, do devir e do ser do devir, do múltiplo e do um do múltiplo, é também e ao mesmo tempo meia-noite, negação das forças reativas.

*

Dizer que o risco é um elemento essencial para nossa *saúde* coloca uma série de problemas que mal teremos condições de discutir aqui. Em primeiro lugar, negar as forças reativas parece-nos uma tarefa que só diz respeito a nós mesmos, e a mais ninguém; em outras palavras, a negação das forças reativas envolve uma relação *de si para si*, o que torna absurda qualquer pretensão de assumir essa tarefa *pelos demais*. Se queremos arriscar nossa vida, nossa saúde, nossa reputação ou seja lá o que for, e queremos ver respeitado esse direito básico, não podemos arriscar nada que não seja nosso – ao menos na medida em que isso é possível. Afirmar o acaso não é ser incoseqüente.

Mas o problema crucial envolve menos a relação com o outro do que essa relação de si para si. Dois filmes relativamente recentes ilustram muito bem a problemática do niilismo ativo.³⁷ Num deles, *Sem medo de viver (Fearless)*, conta-se a história de um homem que sobrevive (ileso) a um terrível desastre aéreo. Ele se salva por acaso, ao sair de sua poltrona para confortar um garoto que viajava sozinho. Esse acontecimento o afeta tão profundamente que ele passa a se arriscar nas mais variadas situações, como se fosse invulnerável. Nesse filme magnífico, o protagonista é encarado pelos seus como estando doente, uma vez que está possuído por uma verdadeira compulsão ao risco. Muito mais doentes estão aqueles que jamais se arriscam, poderíamos dizer até com certa facilidade; quem limita o risco senão as forças reativas?

Mas deve o risco tornar-se uma *compulsão*? Talvez apenas num primeiro momento, para constranger forças reativas demasiadamente poderosas, ou excessivamente consolidadas. Talvez o problema esteja mais em *negar o devir reativo das forças* do que em

³⁶ DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, op. cit., p. 201.

³⁷ Em *Despedida em Las Vegas*, um homem decide beber até a morte por causa de uma pequena vivência (uma desilusão amorosa). O jogo e o desprendimento em relação ao ganho e à perda são alguns dos elementos essenciais nesse belíssimo (e trágico) filme.

suprimir as forças reativas. No niilismo vencido por si mesmo, as forças reativas tornam-se ativas – mas deveríamos por isso imaginar que *todas* as forças de um *tipo* ativo sejam ativas? No niilismo vencido por si mesmo, a vontade se torna afirmativa – mas deveríamos por isso imaginar que *tudo* na vontade afirmativa é afirmação? Nada estaria mais longe da verdade. E assim como a potência de negar é um valioso instrumento a serviço da afirmação, parece-nos que as próprias forças reativas possuem uma nobreza relativa, e um papel (estritamente delimitado) a desempenhar. Na transvaloração, a potência de negar não é abolida, mas integrada numa nova hierarquia que faz dela tão somente uma decorrência necessária da própria afirmação. Do mesmo modo, não é de se esperar que todas as forças reativas sejam *abolidas*, mas que elas (ou algumas dentre elas) encontrem o seu devido lugar na nova hierarquia de forças. Nessa perspectiva, nem *todas* as forças reativas seriam convertidas em forças ativas³⁸, mas as forças reativas remanescentes – esse seria o ponto essencial – passariam a ser *acionadas* pelas forças ativas. Numa nova hierarquia, as forças reativas finalmente assumiriam o papel que lhes cabe : assegurar a conservação, sim, *mas em obediência às forças ativas*. Implacabilidade e rigor absolutos (o chicote) como requisitos para conduzir as forças reativas ao papel que lhes cabe : meros apêndices da atividade, meras mantenedoras de uma vida que se define pela criação e pelo dom. Comer, sim, dormir também, mas apenas o mínimo necessário para em seguida retomar a experimentação e o risco, na vida como no pensamento.

³⁸ Talvez só se *tornem* ativas precisamente aquelas forças que haviam se *tornado* reativas pelo contágio das forças reativas propriamente ditas – mais uma maneira de compreender o célebre “torna-te aquilo que és”. Mas apenas uma análise minuciosa das relações entre os aspectos quantitativo e qualitativo das forças permitiria colocar esse problema de forma rigorosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges: *Sobre Nietzsche - Voluntad de suerte*, tradução de Fernando Savater, Madrid, Taurus, 1986.
- DELEUZE, Gilles: *Nietzsche et la philosophie*, Paris, PUF, 1983.
- DELEUZE, Gilles: *Sur la volonté de puissance et l'éternel retour*, IN *Nietzsche: Cahiers de Royaumont*, Paris, Ed. de minuit, 1967.
- NIETZSCHE, Friedrich: *La naissance de la philosophie à l'époque de la tragédie grecque*, tradução de Geneviève Bianquis, Paris, Gallimard, 1981.
- NIETZSCHE, Friedrich: *Así habló Zaratustra*, tradução de Andrés Sánchez Pascual, Madrid, Alianza, 1981.
- NIETZSCHE, Friedrich: *La volonté de puissance*, tradução de Geneviève Bianquis, Paris, Gallimard, 15^a ed., 1948.
- NIETZSCHE, Friedrich: *Fragments posthumes*, automne 1887/mars 1888 (texto estabelecido por Colli e Montinari e traduzido por Pierre Klossowski), Paris, Gallimard, 1976.